

DESONESTIDADE ACADÊMICA: A INFLUÊNCIA DE FATORES PESSOAIS E PRÁTICAS DE GRUPO NA ATITUDE DE ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Autoria: Silvia Palmieri Taniguchi, Otavio Prospero Sanchez, Alexandre Cappellozza, Douglas Filenga

Resumo

Na medida em que, especialmente no Brasil, o número de Instituições e alunos tem aumentado, a efetividade na gestão acadêmica torna-se de grande relevância. Simultaneamente ao aumento de estudantes, a tecnologia da informação tem evoluído rapidamente, o que tem propiciado novas oportunidades de ensino e profusão de informações. Infelizmente, no sentido oposto ao da qualidade de ensino, esse cenário tem propiciado o surgimento e crescimento de uma variedade de situações e oportunidades para que o comportamento academicamente desonesto se desenvolva. Vários autores defendem uma possível associação entre desonestidade acadêmica e o comportamento antiético no ambiente de trabalho, alertando que comportamentos éticos dos estudantes podem gerar melhores líderes de organizações no futuro, e aconselhando que se estabeleçam universidades provedoras de princípios morais e íntegros. Possivelmente por isso, a Desonestidade Acadêmica tem se tornado um tema crescentemente relevante nos últimos anos. No Brasil, são raras as iniciativas sistemáticas de compreender a gênese desse problema e apresentar modelos relevantes para lidar com ele. O objetivo deste trabalho é contribuir para o entendimento dos fatores antecedentes da atitude dos alunos em relação à desonestidade acadêmica, por meio da identificação das associações que possam existir entre aspectos individuais e de grupo. Fundamentado inicialmente na *Theory of Planned Behavior* – TPB (Teoria do Comportamento Planejado) de AJZEN (1991), e com base em extensa revisão de literatura, foi criado um modelo de pesquisa que, uma vez instrumentalizado, foi aplicado a estudantes de uma IES particular, obtendo-se 116 respostas válidas. Os dados foram obtidos a partir de uma *survey* eletrônica e analisados por Modelagem com Equações Estruturais, em particular com base no algoritmo *Partial Least Squares* – PLS. As estimativas de coeficientes foram feitas pela técnica *Bootstrap*, com 1000 re-amostragens, com reposição. Os resultados indicaram que a percepção das práticas do grupo é especialmente influente no comportamento acadêmico desonesto do indivíduo ($Beta = 0,39$; $p < 0,00$), mas também que a idade do aluno é inversamente proporcional à intensidade com que essa desonestidade se manifesta ($Beta = -0,24$; $p < 0,00$). Adicionalmente, a característica pessoal de idealismo mostrou ser um fator de contenção da atitude favorável à desonestidade ($Beta = -0,25$; $p < 0,05$), mas mecanismos como o desengajamento moral tiveram sua presença identificada ($Beta = 0,25$; $p < 0,05$), desfavorecendo o processo de auto-regulação do aluno, o que amplia a atitude de desonestidade acadêmica. O estudo apresenta várias implicações para o gestor e para a comunidade acadêmica, permitindo desdobramentos em pesquisas futuras.

Introdução

Muito interesse tem despertado, nos últimos anos, o comportamento ético das pessoas. Em especial no mundo corporativo, grande atenção e energia vêm sendo despendidas no sentido de identificar as causas de comportamentos de indivíduos que, ao procurarem seu próprio benefício, afetam negativamente outros indivíduos, grupos ou mesmo a sociedade como um todo.

Em diversos grupos, a preocupação com o comportamento ético tem se manifestado em diferentes graus e com diversos focos, mas nem sempre de maneira consistente. Por exemplo, considerar a possibilidade de que comportamentos egoístas possam estar na gênese da causa da crise financeira pela qual o mundo passou há alguns anos pode nos levar a adotarmos ações no mundo corporativo, acadêmico, familiar, entre outros, que não necessariamente podem surtir o efeito desejado.

Em particular, alguns pesquisadores têm associado tais comportamentos egoístas e não éticos a uma possível reprodução de atitudes desenvolvidas durante a fase acadêmica de formação do indivíduo, fomentadas pela participação em certos grupos e exposição a certos tipos de valores. Muitos autores demonstraram interesse pelo estudo associando as características do comportamento ético nas universidades e no ambiente de negócios, assim como seus antecedentes (ALLMON, PAGE e ROBERTS, 2000).

Convergente com este interesse, Anitsal *et al.* (2009) afirmam uma possível associação entre desonestidade acadêmica e o comportamento antiético no ambiente de trabalho. Os autores consideram-se necessário o estabelecimento das universidades como provedoras de princípios morais e íntegros entre os membros destas instituições, de acordo com os padrões de comportamentos desejados pela sociedade. Em parte, pesquisadores justificam a condução de estudos desse tipo alertando que comportamentos éticos dos estudantes podem gerar melhores líderes de organizações no futuro (MCCABE *et al.*, 2006).

Na tentativa de identificar quais são os elementos a partir dos quais se daria a formação dessa atitude, alguns pesquisadores têm estudado o que se convencionou chamar de Desonestidade Acadêmica, definido como um conjunto de comportamentos inadequados, que se dão em função da tentativa ilícita de obtenção de benefícios, adquiridos por meio da violação de regras formais previamente estabelecidas ou desrespeito a comportamentos considerados adequados ou éticos (BODI, 1998; ETTER, CRAMER *et al.*, 2006; LEWELLYN, 1996; WOODWARD, DAVIS e HODIS, 2007).

Considera-se ético algo que emane de decisões consideradas legais ou moralmente aceitáveis para uma comunidade (JONES, 1991). A ideologia ética está diretamente ligada à forma subjetiva do indivíduo lidar com impressões e seus valores pessoais. Por outro lado, o mecanismo pelo qual indivíduos lidam com os dilemas éticos que surgem nas situações cotidianas não é totalmente compreendido. Por exemplo, foi possível perceber que as posições éticas ou crenças não estão totalmente associadas a comportamentos éticos em sala de aula (ALLMON *et al.*, 2000).

Se comportamentos adequados não são reflexos perfeitos de crenças que os indivíduos possam ter, então podemos supor que outros elementos externos e internos ao julgamento dos indivíduos possam afetar tais comportamentos. No que se refere à tentativa de limitar os efeitos da Desonestidade Acadêmica, então, não basta compreender que características os indivíduos apresentam *ex-ante* ao comportamento ser adquirido, mas pode haver um conjunto de elementos influentes. Por exemplo, além da potencial má influência da Desonestidade Acadêmica sobre seu comportamento futuro, a profusão das Tecnologias de Informação (TI) pode proporcionar um significativo acréscimo nessa complexidade, na medida em que possam

habilitar diferentes ações dos alunos (SCANLON, 2004). Uma pesquisa realizada pelo *Center for Academic Integrity* mostrou que houve um aumento de 40% no número de estudantes universitários que utilizaram a internet como fonte para a elaboração de atividades acadêmicas nos últimos cinco anos (MCCABE, 2005) e que praticamente todos os respondentes relataram conhecer algum caso de desonestidade acadêmica, própria ou de colegas.

As instituições de ensino vêm empreendendo esforços para conter tal avanço, mas há estudos que questionam a eficácia de alguns desses programas educacionais que visam o desenvolvimento de comportamento ético entre os alunos e que resultariam longe de alcançar seus objetivos (COWTON e CUMMINS, 2003; WEBER, 1990). Uma explicação possível parece ser o foco exclusivo que tais ações dão sobre a formação ética do indivíduo, o que pode não ser suficiente para que os alunos adquiram o comportamento esperado (GOLDSBY, 1998; KOHLBERG, 1985; REST, 1994; SIMS, 2002).

Em função do exposto, este tem como objetivo identificar as associações que possam existir entre aspectos individuais e de grupo na definição de atitudes em relação à desonestidade acadêmica. Para tanto, está estruturado como segue. Após a introdução, é apresentada a revisão de literatura associada aos principais conceitos envolvidos no tema da atitude frente a desonestidade acadêmica. Em seguida, é apresentado um conjunto de hipóteses sobre as influências esperadas sobre a atitude e intenção dos indivíduos. Em seguida, na seção metodológica são apresentados aspectos da amostra e dos dados encontrados. Na sequência, são discutidos os resultados da análise implementada por meio da abordagem *Partial Least Square* (PLS). Em seguida, uma seção de discussão apresenta possíveis interpretações à luz das evidências coletadas e faz algumas reflexões sobre o tema. Em Considerações Finais apresentamos a proposição de alternativas de ação e discutimos alguns inibidores do comportamento desonesto. Por fim, são apresentados os limites e as sugestões para novos estudos.

MODELO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE HIPÓTESES

Um sistemático mapeamento da literatura sobre o tema contou com a dedicação de uma equipe de 8 doutorandos, 3 mestrandos e 2 pós-doutorandos por três meses. Essa pesquisa identificou mais de 300 artigos associados direta ou indiretamente ao tema que foram sistematicamente avaliados por 5 sub-grupos, e convergiu para um número de 74 artigos considerados fundamentais. Dessa sistematização, resultou a operacionalização do modelo de pesquisa indicado. A Figura 1 representa o modelo proposto. Como ilustrado, depreende-se da literatura que o Posicionamento Moral e o Desengajamento Moral influam sobre a Atitude / Intenção em Relação à Desonestidade Acadêmica, assim como a Percepção do Padrão Social. A Atitude / Intenção em Relação à Desonestidade Acadêmica, por sua vez, assim como a Percepção do Padrão Social, atuam sobre o Comportamento do indivíduo em relação à desonestidade acadêmica.

Crenças, Atitude, Intenção e Comportamento

Com base na *Theory of Planned Behavior* – TPD proposta por AJZEN (1991), o indivíduo é visto como detendo crenças, que são entendimentos individuais sobre a realidade, que é fundamentada na comparação com um contexto de valores assimilados ao longo do tempo.

As crenças são vistas como potencialmente afetando diretamente a atitude do indivíduo a respeito de algo. Podemos entender a atitude como a resultante de um julgamento da situação

que pondera o conjunto de valores ou crenças que o indivíduo detém, anterior a essa situação. Assim, a atitude antecede a intenção de executar algo sobre a qual se supõe que às normas sociais influam. Adicionalmente à atitude e às normas sociais, um terceiro elemento é preconizado pela TPB como antecedente da intenção de agir, que é a percepção de controle. A percepção de controle é o entendimento do indivíduo sobre freios de comportamento que possam não estar contemplados nas normas subjetivas (AJZEN, 2002). Em nosso modelo, englobamos a influência das normas sociais e do controle no construto Percepção de Padrões Sociais.

A TPB tem sido aplicada em várias situações em que se deseja analisar como se forma a intenção de agir, apresentada como antecedente do comportamento, ou seja, da ação propriamente dita. Outros estudos aplicaram anteriormente a TPB para analisar aspectos da Desonestidade Acadêmica (HARDING *et al.*, 2007), que consideramos ser um adequado suporte teórico quando estudamos comportamentos de indivíduos nessas condições. Ao aplicar a TPD para modelar a situação de Desonestidade Acadêmica entendemos que a Atitude em Relação à Desonestidade Acadêmica (ATIT) possa ser afetada por dois construtos derivados, um originado nas crenças e outro considerado com a combinação das normas subjetivas com a percepção de controle.

Dessa forma, supõe-se que os atos de desonestidade acadêmica podem obedecer à premissa de que os indivíduos tomam decisões baseadas em suas próprias crenças, ponderando de forma racional o que percebem como regras de aceitabilidade social, de maneira a se engajarem em comportamentos específicos com expectativas de obtenção de um resultado positivo sobre suas ações (AJZEN, 2002; ANITSAL *et. Al*, 2009; NONIS e SWIFT, 2001). Sob essa lógica, o comportamento acadêmico desonesto não pode ser considerado o resultado de uma ação impulsiva, mas uma decisão consciente dos seus benefícios de maneira que a decisão sobre o ato pode proporcionar um ganho superior os riscos (WILLIAMS e HOSEK, 2003).

Posicionamento Moral

No modelo desta pesquisa, o Posicionamento Moral consiste do correspondente na TPB a crenças e valores, ou seja, aspectos individuais pré-existentes à situação em que se produzirá uma decisão que levará a uma ação. Ao longo do tempo, essa orientação é derivada de diversas fontes externas como, por exemplo, valores herdados do núcleo familiar assimilados durante a infância e juventude, dogmas religiosos, cultura prevalente no grupo e até mesmo aspectos dominantes na sociedade (JOHNSON, 1995). Há autores que levantam a possibilidade da criação de ambientes permeados por uma cultura que valorize a ética e integridade em todas as ações dos membros do grupo, como forma de estimular a absorção de valores considerados adequados (MCCABE e TREVIÑO, 1995).

Ainda que o Posicionamento Moral possa ser modificado em alguma extensão, autores indicam que isso ocorre apenas no longo prazo. Allmon *et. al*, (2000) conduziram um estudo em que um dos principais objetivos foi identificar perfis de indivíduos associados categorias de personalidade sob o ponto de vista ético. Nesse trabalho utilizaram o *Ethics Position Questionnaire* – EPQ (Questionário de Posicionamento Ético), originalmente proposto inicialmente por Forsyth (1980) e que classifica pessoas em dois grandes grupos: idealistas e relativistas. No idealismo, um indivíduo analisa as situações que se apresentam e a elas confere julgamentos que são diretamente referenciados a um sistema de ideal ético próprio, que não tem relação direta com a situação. Assim, no idealismo, o indivíduo julgará as situações com base no seu potencial de serem prejudiciais a outras pessoas. Já no relativismo, por sua vez, os indivíduos avaliam a situação com base em seus resultados potenciais em

termos de benefícios ou malefícios, alterando seus referenciais à medida que as situações se apresentem com diferentes resultados possíveis. Em geral, os indivíduos com alto grau de relativismo apresentam forte rejeição a regras pré-estabelecidas, e considera que cada situação deva ser julgada apenas pelo seu resultado provável. Para este tipo de posicionamento, não existem regras éticas duras e rápidas de serem aplicadas.

Visto que os indivíduos podem formar atitudes que levam a comportamentos antiéticos a partir de diversos fatores individuais associados a posicionamentos morais pré-existentes, formulamos as primeiras hipóteses desta pesquisa:

Hipótese 1: O posicionamento moral idealista está negativamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica

Hipótese 2: O posicionamento moral relativista está positivamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica

Desengajamento Moral

Desengajamento moral refere-se a um conjunto de mecanismos cognitivos que desativam no nível psicológico do indivíduo o processo de auto-regulação a que este está sujeito quando tem a intenção de agir de maneira inadequada em relação a sua própria atitude (BANDURA, 1990). Essa contradição gera um sentimento de culpa, ou pressão por autocensura no nível psicológico, que pode vir a ser desativada, mediante a reconstrução da realidade, argumentativamente. O Desengajamento Moral é um mecanismo que libera os indivíduos da pressão auto-infringida decorrente de violações de normas ou padrões com os quais se coaduna mas que pretende contrariar (BANDURA, BARBARANELLI, CAPRARA e PASTORELLI, 1996; DETERT, TREVIÑO e SWEITZER., 2008).

Dentre os mecanismos identificados na literatura para efetivar o Desengajamento Moral, podemos destacar o *deslocamento de responsabilidade*, onde o indivíduo procura desviar-se da responsabilidade do ato, direcionando-o a outro, a *difusão da responsabilidade*, consiste na atribuição responsabilidade do ato entre todo o grupo relacionado, *redução do efeito*, caracterizado pela negação do problema ou de suas consequências (DETERT *et al.*, 2008).

Já Bandura (2002) indica oito fatores como mecanismos do desengajamento moral, entre eles a *justificação moral*: considerado um processo onde os indivíduos racionalizam os danos causados a terceiros procurando fazê-lo parecer moralmente justificável; a *linguagem eufemística*, onde o indivíduo faz uso de uma linguagem neutra moralmente procurando fazer uma conduta reprovável parecer menos prejudicial, além da *comparação vantajosa*, que valida o comportamento antiético por meio de uma comparação com uma conduta ainda mais reprovável e prejudicial aos interessados.

Em seu estudo, Detert *et al.*, (2008) procuraram compreender os efeitos do desengajamento moral sobre estudantes de graduação e empresários, encontrando evidências de que o desengajamento moral está positivamente relacionado com a tomada de decisão sobre o comportamento ético.

Assim, formulamos a seguinte hipótese de pesquisa:

Hipótese 3: O desengajamento moral está positivamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica

Percepção do Padrão Social

Por Percepção de Padrão Social entendemos a percepção dos indivíduos a respeito de normas sociais que são consideradas legítimas, adequadas e corretas de se praticar perante o grupo social considerado relevante, aquele com o qual o indivíduo possa desejar identificar-se, ser aceito ou reconhecido.

As normas sociais podem ser compreendidas como um conjunto de regras, formais ou não, que influenciam a disposição do indivíduo em se engajar como parte de um grupo social (AJZEN, 1991). Considerando que as universidades são ambientes educacionais coletivos e que promovem interações sociais entre seus membros, é provável que a Percepção do Padrão Social seja um preditor da atitude individual em relação à desonestidade acadêmica.

Estudos anteriores indicaram que também o comportamento de indivíduos em relação à desonestidade acadêmica se altera mediante as opiniões de seus pares (MCCABE; TREVIÑO, 1997). Estudantes tendem a acreditar que a Desonestidade Acadêmica é disseminada entre os colegas, superestimando a intensidade com que isso ocorre (CHAPMAN, DAVIS, TOY e WRIGHT, 2004). Dessa forma, é possível que a percepção de comportamento que um indivíduo tenha de seus colegas possa ter efeito sobre seu próprio comportamento. Tanto quanto o grupo de colegas, um dos grupos no ambiente acadêmico que pode influir sobre o indivíduo e pelo qual este pode desejar ser reconhecido é o grupo de professores. De fato, diversos estudos afirmam que as normas sociais influenciam a desonestidade acadêmica como um todo, atitude ou comportamento (MCCABE; TREVIÑO, 1993, 1997; MCCABE; FEGHALI; ABDALLAH, 2008; MCCABE; TREVIÑO; BUTTERFIELD, 2002; SISTI, 2007).

Assim, formulamos as seguintes hipóteses:

Hipótese 4: Percepção de Padrão Social está positivamente associada à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica

Hipótese 5: Percepção de Padrão Social está positivamente associada ao comportamento de desonestidade acadêmica

Fatores moderadores

Há evidências de que atos antiéticos têm influências de variados fatores individuais, como gênero, idade, classe social, grau de instrução (MCCABE e TREVIÑO, 1997; HARDING *et al.*, 2007). Nota-se que as pesquisas têm apontado evidências acerca de que os alunos mais jovens cometem mais atos antiéticos em comparação aos alunos com mais idade. Quanto ao gênero, há estudos que indicam que homens são muito mais propensos a cometerem algum tipo de desonestidade acadêmica que mulheres (MCCABE e TREVIÑO, 1997; BUCKLEY, WIESE e HARVEY, 1998; PARK, 2003).

Já McCabe, Butterfield e Treviño (2006) investigaram justificativas e influências sobre atos de desonestidade acadêmica, mapeando em quais cursos universitários os atos antiéticos eram cometidos com maior frequência, visando, ao final, propor uma estratégia para a valorização da integridade acadêmica. Com o trabalho, coletaram evidências que corroboraram a visão anterior de Pullin *et al.* (2000) de que os atos antiéticos são cometidos em maior número entre os estudantes do cursos da área de negócios do que áreas não comerciais. O estudo feito por Browsers (1964) já mostrava índices superiores de ocorrência de atos antiéticos entre os estudantes da área de negócios comparados aos estudantes de outras áreas.

Também McCabe e Treviño (1995) demonstraram que os alunos do curso de graduação da área de negócios foram responsáveis por uma incidência muito maior de ocorrências de atos de desonestidade acadêmica em comparação a alunos de outras áreas acadêmicas. Como forma de explicar esta constatação, McCabe *et al* (1995) propuseram várias justificativas para os comportamentos de estudantes de áreas de negócios. Dentre elas, a de que a competitividade e ambição de ser bem sucedido financeiramente podem estar associadas à aceitação da desonestidade em certa dimensão, além de se tratarem de características compartilhadas pela grande maioria dos estudantes da área.

Destas referências depreendemos:

Hipótese 6: A Idade do aluno está negativamente associada à magnitude de comportamento favorável à desonestidade acadêmica

Hipótese 7: O Gênero do aluno está associado à magnitude do comportamento favorável à desonestidade acadêmica



Figura 1: Modelo de pesquisa

Metodologia

A coleta de dados foi efetuada por meio de um instrumento antecipadamente validado em conteúdo por um grupo de pesquisadores familiarizados com o tema. A apresentação final do instrumento de coleta de dados constituiu-se em um questionário eletrônico operado na plataforma *SurveyMonkey*, contendo 44 questões. A formatação consistiu de manter grupos de menos de sete questões por página, de maneira a procurar reduzir o possível desestímulo do respondente ao se confrontar com um número excessivo de questões de uma só vez.

O link do questionário foi enviado a alunos de uma IES particular dos cursos de Administração, na modalidade à distância, na primeira quinzena de abril de 2011. Foram coletados 116 questionários válidos.

A distribuição das questões consistiu de 7 frases relativas ao Posicionamento Moral, sendo 5 concernentes ao idealismo e 2 ao relativismo. Outras 5 referentes à Percepção de Padrão Social; 6 para Desengajamento Moral, 6 versando sobre a Atitude em relação à Desonestidade Acadêmica, e 6 para Comportamento. Sete variáveis de controle foram

inseridas para detalhamento da amostra e possíveis cruzamento de dados: gênero, curso, semestre, instituição, idade, pólo e estado civil.

Optou-se pela técnica de análise multivariada com Modelagem de Equações Estruturais, considerada adequada para análise simultânea de relações entre construtos, onde variáveis dependentes transformam-se em independentes (HAIR *et al.*, 2009). Em particular, utilizou-se a técnica *Partial Least Squares* (PLS) operada pelo software SmartPLS, considerada uma técnica adequada quando a distribuição não pode ser assumida como normalmente distribuída (URBACH; AHLEMANN, 2010).

Resultados do modelo de medidas

A validade convergente indica o quanto a escala está correspondente a outras medidas do conceito (HAIR *et al.*, 2005). Ela tem como critério o valor do *Average Variance Extrated* – AVE (variança média extraída), que é a variância média explicada, que deve ser maior que 0,5 para cada variável latente. No entanto, valores de 0,4 e até 0,3 são adequados para estudos preliminares (CHIN, 2010). Deseja-se AVE o mais elevado possível, já que isso demonstra que os indicadores (variáveis do questionário) medem as variáveis latentes de forma adequada, ou seja, os indicadores extraem de maneira adequada a variância das variáveis latentes. Quanto maior a variância extraída, significa que não foram deixados de fora aspectos relevantes do construto.

Tabela 1
Variança Extraída (¹), validade convergente e correlações

	AVE	Cronbachs Alpha	ATTITUDE	BEHAV	DISENGAG	IDEALISM	RELATIV	SOCI_PA
ATTITUDE	0,66	0,89	0,81					
BEHAV	0,59	0,86	0,27	0,77				
DISENGAG	0,59	0,86	0,41	0,34	0,77			
IDEALISM	0,42	0,67	-0,38	-0,26	-0,38	0,64		
RELATIV	0,94	0,93	-0,26	0,05	-0,25	0,20	0,97	
SOCI_PA	0,52	0,76	0,23	0,43	0,45	-0,19	-0,10	0,72

(1) As diagonais em negrito estão informadas em raízes de AVE

Pela Tabela 1, observamos que todos os construtos apresentam AVE > 0,5, exceto o construto Idealismo, que apresentou AVE = 0,42. Essa magnitude indica que o construto, apesar de apresentar-se adequado para esta fase inicial da pesquisa, precisa ser analisado e possivelmente reformulado.

A validade discriminante assegura que os conceitos medidos sejam suficientemente inconfundíveis (HAIR *et al.*, 2005). A validade discriminante do modelo, analisada pelo critério de Fornell-Larcker (1981) de que a raiz quadrada de AVE deva ser maior que as inter-correlações entre os demais construtos, indica que todos os valores da diagonal (raiz de AVE) são maiores que as demais inter-correlações. Por este critério, a validade discriminante do modelo apresenta-se adequada.

Outro critério para avaliação da validade discriminante consiste da análise das cargas fatoriais dos indicadores nos construtos a que se destinam, comparados com as cargas fatoriais nos

construtos adjacentes. A Tabela 2 apresenta os resultados das cargas fatoriais do modelo de medida.

Tabela 2
Validade discriminante (cargas fatoriais)

	ATITUDE	BEHAV	DISENGAG	IDEALISM	RELATIV	SOCI_PA	<i>Estatística t</i>
ATIT05a	0,7195	0,2777	0,2430	-0,2373	-0,0961	0,3169	12,74
ATIT11a	0,7773	0,3294	0,2090	-0,3205	-0,1116	0,1631	11,63
ATIT15a	0,8037	0,1163	0,3440	-0,3360	-0,2105	0,1956	13,78
ATIT16a	0,8052	0,1219	0,3854	-0,2251	-0,2434	0,1913	12,12
ATIT18a	0,8898	0,2949	0,4216	-0,3882	-0,2647	0,1737	26,78
ATIT19a	0,8562	0,1715	0,3509	-0,3230	-0,3263	0,0942	15,40
ATIT02b	0,3163	0,7006	0,3095	-0,2318	-0,1081	0,3688	12,77
ATIT04b	0,1120	0,7555	0,0900	-0,1575	0,0729	0,3081	17,01
ATIT07b	0,1573	0,8088	0,2307	-0,1660	0,1061	0,3150	16,87
ATIT10b	0,1819	0,7252	0,3465	-0,2347	0,0293	0,3441	12,91
ATIT11b	0,1866	0,8179	0,2584	-0,1917	0,1398	0,3190	18,09
ATIT18b	0,2617	0,8290	0,3149	-0,1862	0,0593	0,3335	21,30
DESEN1	0,3646	0,4314	0,8304	-0,2778	-0,1355	0,4587	17,73
DESEN14	0,2788	0,2799	0,8315	-0,3775	-0,2502	0,3779	13,97
DESEN15	0,2343	0,2721	0,7971	-0,2738	-0,1966	0,3853	11,28
DESEN2	0,2864	0,1902	0,6821	-0,2374	-0,2358	0,2892	8,01
DESEN5	0,3527	0,1724	0,7370	-0,2624	-0,2004	0,2375	10,71
DESEN7	0,3150	0,2209	0,7200	-0,3261	-0,1561	0,3080	8,58
IDA1	-0,2981	-0,0533	-0,2569	0,6566	0,1378	-0,0808	6,00
IDA2	-0,2087	-0,2820	-0,3184	0,6075	0,0697	-0,1626	5,40
IDA3	-0,0971	-0,1406	-0,2332	0,5883	0,2353	-0,2080	4,21
IDA5	-0,2150	-0,0045	-0,2746	0,6791	0,2782	-0,0753	4,88
IDA8	-0,3081	-0,3256	-0,1852	0,6978	0,0295	-0,1387	5,91
REL19	-0,2137	0,0479	-0,2239	0,1980	0,9578	-0,1509	21,21
REL20	-0,2858	0,0570	-0,2579	0,1888	0,9767	-0,0540	38,66
NSOC01	0,2544	0,3878	0,3599	-0,1719	-0,0525	0,8392	24,19
NSOC02	0,1397	0,2650	0,2221	-0,2212	-0,0788	0,6417	8,71
NSOC05	0,0761	0,3293	0,4296	-0,0838	-0,0359	0,6939	8,69
NSRP2	0,1585	0,2357	0,3346	-0,1639	-0,0834	0,6522	8,23
NSSP1	0,1604	0,3149	0,2630	-0,0373	-0,1149	0,7499	10,81

(1) A coluna da direita apresenta a estatística da estimativa do fator no construto correspondente, em procedimento *Bootstrap* de 1000 re-amostragens

Quanto à confiabilidade de consistência interna, tem-se que o resultado do teste de Alpha de Cronbach apresentado na Tabela 1 indica valores superiores a 0,85 para todos os construtos, exceto IDEALISMO, que apresentou valor de 0,67 e PERCEPÇÃO de PADRÃO SOCIAL, que resultou 0,76. Em estágios iniciais de pesquisa, valores em torno de 0,70 são considerados adequados (HAIR et al, 2005). Neste caso, o valor de 0,67 foi considerado suficiente para as etapas seguintes. Entretanto, é um segundo indício de que a escala de IDEALISMO deva requerer uma reformulação, no futuro.

A Confiabilidade do modelo foi aferida com base no critério de que a carga de cada indicador em seu construto deva ser superior a 0,71, o que representaria uma variância explicada de, pelo menos, 50% (GEFEN; STRAUB; BOUDREAU, 2000) Conforme se observa na Tabela 2, todos os pesos dos indicadores apresentaram valores superiores a 0,7, exceto os indicadores de IDEALISMO, três indicadores de PERCEPÇÃO de PADRÃO SOCIAL, e um indicador de DESENGAJAMENTO. Para o estágio inicial desta pesquisa, entretanto, consideramos que o valor mínimo de carga próximo a 0,6 seja suficiente para que o indicador tenha representatividade no construto, prestando confiabilidade ao modelo, especialmente porque a grande maioria dos indicadores apresentaram valores de cargas superiores a 0,7, alguns muito superiores. Já a qualidade geral do modelo pode ser aferida pela coluna da direita da Tabela 2, que representa a estatística *t* da estimativa das cargas dos indicadores em seus construtos, sendo que todos resultaram altamente significantes.

Resultados do Modelo Estrutural

O modelo estrutural conforme apresentado na Figura 1 foi capaz de explicar cerca de 25% da variabilidade da Atitude / Intenção e cerca de 22% da variabilidade do Comportamento em relação à Desonestidade Acadêmica. Estudos onde se pretende explicar fatores em relação a desonestidade acadêmica de uma maneira global apresentam, em geral, R^2 não muito elevados. Por exemplo, estudos anteriores sobre o tema apresentaram coeficientes de determinação significativamente discrepantes, variando de 12% a 59%, em função dos tipos de desonestidade acadêmica que são focados (por exemplo, plágio, cola, etc) (IYER; EASTMAN, 2008).

Tabela 3

Coeficientes do modelo estrutural e significâncias estimadas por *Bootstrap*(1)

	ATITUDE	COMPORTAMENTO	Média (M)	Erro padrão (SE)	Estatística <i>t</i> (M/SE)	<i>p</i> valor
IDEALISMO	-0,25*		-0,28	0,11	2,28	0,02
RELATIVISMO	-0,15*		-0,13	0,07	1,98	0,05
DESENGAJAMENTO	0,25*		0,27	0,10	2,51	0,01
PERCEPÇÃO SOCIAL	0,05	0,39***	0,06 0,41	0,08 0,07	0,66 5,28	0,51 0,00
ATITUDE FRENTE À DESONESTIDADE		0,18	0,19	0,10	1,79	0,07
IDADE		-0,24***	0,23	0,08	2,96	0,00
GÊNERO		0,07	0,06	0,08	0,81	0,42

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; *** $p < 0.001$

(1) estimativa por técnica de *Bootstrap* baseada em 1000 sub-amostras, com reposição

De acordo com a hipótese 1 deste trabalho, o posicionamento moral idealista estaria negativamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica. Resultados apresentados na Tabela 3 indicam que o coeficiente de IDEALISMO resulta consistente com essa hipótese (-0,25; $p < 0,05$), ou seja, o idealismo está negativamente associado à Atitude Positiva em relação à desonestidade Acadêmica, suportando a hipótese, portanto. Já o posicionamento moral relativista, de acordo com a hipótese 2, estaria positivamente associado

á atitude positiva em relação á desonestidade acadêmica. Entretanto, o resultado indica que o REALIVISMO mostrou-se negativamente associado à ATITUDE (-0,15; $p < 0,05$), não oferecendo suporte à hipótese, portanto.

Já a hipótese 3 indicava que o desengajamento moral estaria positivamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica. De acordo com a Tabela 3, o coeficiente de associação entre DESENGAJAMENTO e ATITUDE resultou positivo e significativo (0,25; $p < 0,05$), oferecendo suporte à hipótese.

Por sua vez, a hipótese 4 indicava que a Percepção de Padrão Social estaria positivamente associada à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica. Os resultados demonstraram que a associação praticamente não existe, sendo que o coeficiente estimado não é significativo (0,05; $p < 0,51$), não oferecendo suporte à hipótese.

A hipótese 5 indicava que a Percepção de Padrão Social estaria positivamente associada ao comportamento de desonestidade acadêmica. Os resultados encontrados indicam forte suporte à essa hipótese, com coeficiente significativo e altamente significativo (0,39; $p < 0,00$).

Em continuidade, a hipótese 6, consistia de indicar que a IDADE do aluno estaria negativamente associada à magnitude de comportamento favorável à desonestidade acadêmica. De fato, de acordo com os resultados, há forte suporte a essa hipótese (-0,24; $p < 0,00$), o que significa que quanto maior a idade do aluno, menor a intensidade do comportamento de desonestidade associado.

Por fim, a hipótese 7 indicava que Gênero do aluno estaria associado à magnitude do comportamento favorável à desonestidade acadêmica. Contrariamente a outros estudos, não encontramos suporte empírico a essa hipótese (0,07; $p < 0,42$).

A Tabela 4 apresenta um resumo dos resultados empíricos.

Tabela 4
Coeficientes do modelo estrutural e significâncias estimadas por *Boostrap*(¹)

Hipótese	Resultado
H1 <i>O posicionamento moral idealista está negativamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica</i>	<i>Suportado</i>
H2 <i>O posicionamento moral relativista está positivamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica</i>	<i>Não suportado</i>
H3 <i>O desengajamento moral está positivamente associado à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica</i>	<i>Suportado</i>
H4 <i>A Percepção de Padrão Social está positivamente associada à atitude positiva em relação à desonestidade acadêmica</i>	<i>Não suportado</i>
H5 <i>A Percepção de Padrão Social está positivamente associada ao comportamento de desonestidade acadêmica</i>	<i>Suportado</i>
H6 <i>A Idade do aluno está negativamente associada à magnitude de comportamento favorável à desonestidade acadêmica</i>	<i>Suportado</i>
H7 <i>O Gênero do aluno está associado à magnitude do comportamento favorável à desonestidade acadêmica</i>	<i>Não Suportado</i>

Conclusões

Os dados permitiram identificar que o construto IDEALISMO requer uma reavaliação, no sentido de permitir uma melhor avaliação do modelo como um todo. Ainda assim, a hipótese 1 pode ser suportada, o que indica que aspectos de valores pessoais são relevantes na redução da intensidade da Atitude positiva quanto á desonestidade acadêmica.

O posicionamento relativista, entretanto, apresentou-se contrário ao esperado. Um aspecto que pode ter contribuído para esse fenômeno trata da dificuldade de adaptação do instrumento original, produzido para a realidade norte-americana, e que pareceu-nos ter tipo pouca aderência e compreensão por parte dos estudantes. Por exemplo, em uma avaliação qualitativa, apresentaram-se alguns indícios de que a palavra “moral” esteve frequentemente sendo interpretada com um viés de comportamento sexual, conceito muito distante da lógica original, que pretendia se referir a “código de ética”. Assim, nesta análise os pesquisadores precisaram eliminar variáveis deste construto que, ao final, foi operacionalizado apenas com duas variáveis. Isto pode significar que a dimensionalidade do construto tenha sido fortemente prejudicada, o que será certamente revisto em futuros estudos, e que pode explicar a hipótese não ter sido suportada.

De extrema relevância, está o fato de que a hipótese 3 tenha sido suportada, mostrando que o DESENGAJAMENTO moral tem um papel relevante na ATITUDE a favor da desonestidade acadêmica. Supõe-se que, ao entendermos melhor esse mecanismo, possamos construir maneiras de evitarmos sua efetividade. No nível do indivíduo, o desengajamento mostrou ser um mecanismo presente na influência da atitude dos estudantes.

Até certo ponto surpreendente, a hipótese não foi suportada, indicando que a Percepção de práticas sociais não se constitui em um mecanismo de influência sobre a Atitude, embora o seja para o COMPORTAMENTO. Uma possível explicação para esse fenômeno seria a relativa percepção de que os colegas são mais desonestos que si próprio. Este fenômeno já foi identificado anteriormente, conforme apresentamos na revisão de literatura. Entretanto, aqui parece estar associado mais ao fato da ATITUDE ser uma consequência de um processo psicológico, individual portanto, e que os indivíduos mudam pouco sua atitude em relação às possíveis influências externas. Esse aspectos precisa ser melhor investigado, porque pode alterar completamente a maneira como se poderá construir mecanismos de desestímulo à Desonestidade Acadêmica. Em outro momento, entretanto, a atitude influenciará a INTENÇÃO. Esta, por sua vez, requer justificativas para o sofrimento resultante de dilemas enfrentados pelo indivíduo. Neste ponto, o papel do DESENGAJAMENTO parece ser de grande importância.

Também revelador é o suporte à hipótese 6, que indica que alunos com maior idade apresentam uma prática mais restrita de desonestidade acadêmica. Especialmente no ensino à distância, as Instituições têm observado que a faixa etária dos estudantes frequentemente está acima da faixa do ensino presencial. Esta parece ser uma boa notícia, uma vez que o uso intenso de tecnologia da informação, propiciado e estimulado por esse ambiente, também habilita vários tipos de comportamento acadêmico desonesto.

Implicações práticas

Embora em seu caráter preliminar, esta pesquisa permite indicar alguns caminhos para a gestão acadêmica.

Em primeiro lugar, ao sistematizar o problema, indicar um modelo de análise e mostrar quais fatores são relevantes, permite guiar gestores no sentido de propor novas políticas e outros mecanismos que possam reduzir a prática desonesta na academia.

Também entendemos que academicamente, este é um campo aberto a múltiplos estudos, e que especialmente a realidade do Brasil carece que estes estudos sejam feitos.

O momento atual do ensino superior no Brasil traz consigo várias tensões. Em especial, a profusão de Instituições, cursos e o aumento do número de alunos vem despertando interesse nos gestores de ensino sobre aspectos de qualidade do aprendizado.

Uma das questões que vêm se mostrando crescentemente preocupante é a Desonestidade Acadêmica. Na medida em que a permanência do aluno na Instituição é abreviada e os volumes aumentam, aumenta também a preocupação sobre os efeitos que comportamentos academicamente inadequados possam resultar. A identificação de fatores que influam nas atitudes associadas a esse fenômeno torna-se de suma importância, nesse contexto.

(N.A.) Devido ao limite de espaço nesta submissão, o instrumento de pesquisa não pode ser incluído. Entretanto, é entendimento dos autores que a replicação desta pesquisa e seu aperfeiçoamento são fundamentais para que o conhecimento sobre o tema evolua. Assim, colocam-se à disposição para encaminhar o instrumento e colaborar em futuras pesquisas, mediante contato por email ao primeiro ou segundo autores.

Referências

- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Process**. v.50, p.179–211. 1991
- AJZEN, I. Perceived Behavioral Control, Self- Efficacy, Locus of Control, and the Theory of Planned Behavior. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 32, p. 1-20, 2002.
- ALLMON, D. E.; PAGE, D.; ROBERTS, R. Determinants of perception of cheating: Ethical orientation, personality, and demographics. **Journal of Business Ethics**, v.23, p. 411–422. 2000.
- ANITSAL, I.; ANITSAL, M. M.; ELMORE, R. Academic dishonesty and intention to Cheat: a model on active versus passive Academic dishonesty as perceived by Business students. **Academy of Educational Leadership Journal**, v. 13, n. 2, p. 17-26, 2009.
- BANDURA, A. Selective activation and disengagement of moral control. **Journal of Social Issues**, v.46, n.1. p.27–46. 1990
- BANDURA, A. Social foundations of thought and action: a social cognitive theory. **Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall**, v.1, p.523-582, 1986.
- BANDURA, A. Moral disengagement in the preparation of inhumanities. **Personal and Social Psychology Review**, v.3, p.193–209, 1999.
- BANDURA, A. Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. **Journal of Moral Education**, v.31, n.2. 101–119. 2002
- BANDURA, A.; BARBARANELLI, C.; CAPRARA, G.; PASTORELLI, C. Mechanisms of moral disengagement in the exercise of moral agency. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.71, n.2. p.364–374, 1996
- BEU, D. S.; BUCKLEY, R.; HARVEY, M. G. Ethical decision-making: a multidimensional construct. **Journal of Business Ethics**, v.12, p.88 – 105, 2003.
- BODI, S. Ethics and information technology: Some principles to guide students. **Journal of Academic Librarianship**, v. 24, n. 6, p. 459-463, 1998.
- BOLIN, A.; HEATHERLY, L.; Predictors of employee deviance: The relationship between bad attitudes and bad behavior. **Journal of Business and Psychology**, v. 15, n.3, p. 405 – 418, 2001.
- BUCKLEY, R. M.; WIESE, D. S.; HARVEY, M. G. Identifying Factors which may Influence Unethical Behaviour. **Teaching Business Ethics**, v. 2, p. 71-84, 1998.
- CARPENTER, D. D.; HARDING, T. S.; FINELLI, C. J.; MONTGOMERY, S. M., PASSOW, H. J. Engineering students perceptions of and attitudes towards cheating. **Journal of Engineering Education**, v. 95, n.3, p.181–194. 2006.
- CHAPMAN, K., DAVIS R.; TOY D.; WRIGHT L. Academic Integrity in the Business School Environment: I'll Get by with a Little Help from My Friends. **Journal of Marketing Education**. v.26. p.236-49, 2004
- CHIN, W.W. How to write and report PLS analyses. In: VINZI, V. E.; CHIN, W. W.; HENSELER, J.; WANG, H. (Org). **Handbook of Partial Least Squares: Concepts, Methods and Applications**. Berlin: Springer, p. 655-690, cap. 28, 2010.
- CHUNG, H. M.; KHAN, M. B. Classification of Unethical Behaviors in the Management of Information Systems: The Use of Behaviorally Anchored Rating Scale Procedures. **International Journal of Management**, v. 25, n.2, p. 202-269, 2008.
- COWTON, C. J.; CUMMINS, J. Teaching Business Ethics in UK Higher Educations: Progress and Prospects. **Teaching Business Ethics**, v.7, p. 37-54, 2003.

- DEGEORGE, R. T. Business Ethics. **Upper Saddle River**, NJ: Prentice-Hall, 1999.
- DEPERT, J. R.; TREVIÑO, L. K.; SWEITZER, V. L. Moral disengagement in ethical decision making: a study of antecedents and outcomes. **Journal of Applied Psychology**, v. 93, n. 2, p 374-391, 2008.
- DEPERT, J. R.; TREVIÑO, L.K.; SWEITZER, V. L. **Journal of Applied Psychology**, v. 93, n.2, p.374–391. 2008.
- EFRON, B. Bootstrap methods: Another look at the Jackknife. **Annals of Statistics**, v.7, n.71, p. 1–26, 1979.
- ETTER, S.; CRAMER, J. J.; FINN, S. Origins of Academic Dishonesty: Ethical Orientations and Personality Factors Associated with Attitudes about Cheating with Information Technology. **Journal of Research on Technology in Education**, v. 39, n. 2, p. 133-155, 2006.
- FERRARI, J. R. Imposter Tendencies and Academic Dishonesty: Do They Cheat Their Way To Success. **Social Behavior and Personality**, v. 33, n.1, p.11-18, 2005.
- FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**, v.18, p.39-50, 1981.
- GEFEN, D.; STRAUB, D.W.; BOUDREAU, M.C. Structural equation modeling and regression: guidelines for research practice. **Communications of the Association of Information Systems**, v.4, n.7, p. 1 – 79, 2000.
- GHOSHAL, S. Bad Management Theories Are Destroying Good Management Practices. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 1, p. 75-91, 2005.
- GOLDSBY, M. G., NECK C. P.; GERDE V. W. Inner Leadership: A Social Cognitive-based Approach toward Enhanced Ethical Decision Making. **Teaching Business Ethics**, v. 2, p. 229-247, 1998.
- HAIR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman 2005, p. 471.
- HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN B. J. ; ANDERSON, R. E.; TATHAM , R. L. **Análise Multivariada de dados**. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009, p. 688.
- HARDING, T.S. ; MATTHEW J. M.; CYNTHIA J. F; DONALD D. C. The theory of planned behavior as a model of academic dishonesty in humanities and engineering undergraduates. **Ethics and Behavior**.v. 17,n. 3, p. 255-279, 2007.
- HENSELER, J.; FASSOT, G. Testing Moderating Effects in PLS Path Models: An illustration of Available Procedures. In: VINZI, V. E.; CHIN, W. W.; HENSELER, J.; WANG, H. (Org). **Handbook of Partial Least Squares: Concepts, Methods and Applications**. Berlin: Springer, p.655-690, cap. 30. 2010.
- IYER, R.; EASTMAN, J.K. The Impact of Unethical Reasoning on Academic Dishonesty: Exploring the Moderating Effect of Social Desirability. **Marketing Education Review**, v.18, n.2, 2008
- JARVIS, C.B.; MACKENZIE, S.B.; PODSAKOFF, P.M. A Critical Review of Construct Indicators and Measurement Model Misspecification in Marketing and Consumer Research. **Journal of Consumer Research**, v. 30, p. 199-218, 2003
- JOHNSON, D. A. How Psychological Type Influences Our Values. **Bulletin of Psychological Type**, v.18, n.1, p.30-32, 1995.
- JONES, T. M. Ethical decision making by individuals in organizations: An issue-contingent model. **Academy of Management Review**, v. 16, n. 2, p. 366-395, 1991.

- KOHLBERG, L. The just community: Approach to moral education in theory and practice. In M. Berkowitz & F. Oser (Eds.), *Moral education: Theory and application*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc. p.27-87. 1985.
- LAMBERT, K. D.; NICKY, E.; LOUISE, T. Cheating - What Is It and Why Do It: A Study In New Zealand Tertiary Institutions Of The Perceptions And Justifications For Academic Dishonesty. **Journal of American Academy of Business**, v.3, p.98-103, 2003.
- LEWELLYN, P. A. G. Academic Perceptions: Ethics in the Information Systems Discipline. **Journal of Business Ethics**, v. 15, n. 5, p. 559-569, 1996.
- MCCABE, D. L. **The Center for Academic Integrity Assessment Project Surveys**. 2005. Disponível em: <http://www.academicintegrity.org/cai_research.asp>. acesso em 04 abril, 2011.
- MCCABE, D. L.; TREVIÑO, L. K. Cheating among business students: A challenge for business leaders and educators. **Journal of Management Education**, v.19, p. 205–218. 1995.
- MCCABE, D. L.; TREVIÑO, L. K. Honor codes and other contextual influences, **Journal of Higher Education**, v. 64, p. 522-538, 1993.
- MCCABE, D. L.; TREVIÑO, L. K. Individual and contextual influences on academic dishonesty: A multicampus investigation. *Research in Higher Education*, v. 38, p.379–396, 1997.
- MCCABE, D. L.; TREVIÑO, L. K.; BUTTERFIELD, K. D. Dishonesty in Academic Environments: The Influence of Peer Reporting Requirements. **Journal of Higher Education**, v. 72, n. 1, p. 29-45, 2001.
- MCCABE, D.L.; FEGHALI, T.; ABDALLAH, H. Academic Dishonesty in the Middle East: Individual and Contextual Factors. **Research in Higher Education**, Springer Netherlands v.49, n.5, p. 451-467, 2008. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/index/10.1007/s11162-008-9092-9>>. Acesso em 04 abril. 2011.
- MCCABE, D. L.; BUTTERFIELD, K.D.; TREVIÑO, L.K. Academic Dishonesty in Graduate Business Programs: Prevalence. Causes. and Proposed Action. **Academy of Management Learning & Education**, v.5, n.3, p. 294-305, 2006.
- NONIS, S.; SWIFT, C. O. An Examination of the Relationship Between Academic Dishonesty and Workplace Dishonesty: A Multicampus Investigation. **Journal of Education for Business**, v.77, n.2, p.69-77, 2001.
- NONIS, S.; SWIFT, C.O. An Examination of the Relationship Between Academic Dishonesty and Workplace Dishonesty: A Multicampus Investigation. **Journal of Education for Business**, 77(2), 69-77. 2001.
- PARK, C. In Other (People's) Words: Plagiarism by University Students—Literature and Lessons. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, v.28, n. 5, p.471-488, 2003.
- PULLEN, R.; ORTLOFF, V.; CASEY, S.; PAYNE, J. B. Analysis of Academic Misconduct Using Unobtrusive Research: A Study of Discarded Cheat Sheets. **College Student Journal**, v.34, p.29-45, 2000.
- RAWWAS, M. Y. A.; ISAKSON, H. R. Ethics of Tomorrow's Business Managers: The Influence of Personal Beliefs and Values, Individuals Characteristics and Situational Factors. **Journal of Education for Business**, v. 75, Jul-Ago. p.321-330, 2000.
- REST, J. R., Background Theory and Research in: Rest, J.R. ; Naravaez, D. (Org.), *Moral Development in the Professions: Psychology and Applied Ethics*. Laurence Erlbaum Associates, Hillsdale, NJ, p. 1-16, 1994.

- ROIG, M.; DETOMMASO, L. Are college cheating and plagiarism related to academic procrastination? **Psychological Reports**, v.77, p.691-698, 1995.
- SCANLON, P. M. Student Online Plagiarism: How Do We Respond. **College Teaching**, v.51, n.4, p.161-165, 2004.
- SIMS, R. R. Business Ethics Teaching for Effective Learning. **Teaching Business Ethics**, v. 6, p.411-433, 2002.
- SISTI, D. A. How do high school students justify Internet plagiarism? **Ethics & Behavior**, v. 17, n. 3, p.215-231, 2007.
- SMITH, P. C.; KENDALL, L. M. Retranslation of Expectations: Approach to The Construction of Unambiguous Anchors For Rating Scales. **Journal of Applied Psychology**, v. 47, p.149-155, 1963.
- URBACH, N.; AHLEMANN, F. Structural Equation Modeling in Information Systems Research Using Partial Least Squares. **Journal of Information Technology Theory and Application**, v.11, n. 2, p. 5-40, 2010.
- WEBER, J. Measuring the Impact of Teaching Ethics to Future Managers: A review, Assesment and Recommendations, **Journal of Business Ethics**, v. 9, p.183-190, 1990.
- WILLIAMS, M. S.; HOSEK, W. R. Strategies for Reducing Academic Dishonesty. **Journal of Legal Studies Education**, v.21, n.1, p.87, 2003.
- WOODWARD, B.; DAVIS, D. C.; HODIS, F. A. The Relationship Between Ethical Decision Making and Ethical Reasoning in Information Technology Students. **Journal of Information Systems Education**, v. 18, n. 2, p. 193-202, 2007